

Sobre livros e leitura na fotografia de joel robison

José Jacinto dos Santos Filho
(UPE/FACHO)¹

Resumo

O ato fotográfico de Joel Robison se realiza a partir de um diálogo construído com imagens que elaboram um emocionado depoimento de grande pendor narrativo sobre a sua relação pessoal com o livro e a literatura, e que resulta em construções retóricas imagéticas de grande eloquência. Neste ensaio, objetivamos analisar algumas dessas fotografias que estabelecem relação com o universo leitor. Para isso, recorreremos aos estudos de Alberto Manguel, Gastón Bachelard, Fayga Ostrower, Charles S. Peirce e outros que nos ajudaram a refletir sobre o tema proposto.

Palavras-chave: *Fotografia, Livro, Joel Robison, Leitura, Criatividade.*

Abstract

The photographic act of Joel Robison takes place from a dialog that is built upon images of pictures of his relationship with the book. In this essay, we aimed to analyze some of his photos, that establish a relation with the universe-reader. In order to do this, we turned to studies of Alberto Manguel, Gaston Bachelard, Fayga Ostrower, Charles S. Peirce and others who have helped us to elaborate on the theme.

Keywords: *Photography, Book, Joel Robison, Reading, Creativity.*

O livro, além de ser um objeto de desejo dos aficionados pela leitura, também é um objeto desejante. Suas histórias não apenas se *oferecem*: elas demandam uma entrega, elas exigem atenção. As razões para isso são as mais diversas: curiosidade, fascínio, busca de conhecimento, de entretenimento, de abstração. Manguel (1997, p. 20) disse certa vez que “ler, [é] quase como respirar, é nossa função essencial”. Isso nos faz acreditar que a nossa relação com o mundo, por

1.* Doutorando em Educação pela UFPE, Mestre em Teoria Literária pela UFPE. Professor da UPE e da FACHO. E-mail: jacintodossantos@gmail.com.

intermédio de um livro, é de sobrevivência. Sobrevivência aos dramas da rigidez do mundo factual que nos consome com suas exigências. Sobrevivência no mundo da leitura, mais reconfortante e prazeroso, talvez, porém que sempre desperta a nossa consciência criadora e imaginativa. E é isso que percebemos numa série de fotografias de Joel Robison que analisaremos neste ensaio.

Joel Robison é um jovem fotógrafo que mora em Cranbrook, na província de British Columbia, Canadá. Adora café, correr em maratonas, música e fotografia. É grande admirador dos fotógrafos Annie Liebowitz, Tim Walker, Rodney Smith, Brooke Shaden, David Talley e outros, dos quais percebemos uma pertinente influência pelo enquadramento de situações que o motivam ao ato de fotografar; fotos que primam dar vazão à imaginação. Ele realiza suas experiências fotográficas desde 2008, quando começou a explorar todo o seu potencial imaginativo, projetando imagens que nos conduzem a um mundo onírico. Suas fotos são digitais, o que favorecem que ele as manipule a seu gosto e as exponha livremente nos sites e blogs da internet.

O verbo que se conjuga nas fotografias de Joel é “criar”. Este é seu propósito para que as imagens surjam encantadoras e fisguem o espectador-leitor de imagens. Assim, o livro permite a Joel uma viagem criativa ao incitar a sua imaginação. O livro de literatura é uma espécie de portal ao mundo das tantas imagens que povoam o imaginário do leitor, e que o levam a também se deslocar e viver seus muitos espaços. Joel, como leitor assíduo de literatura, apropria-se desses mundos e os projeta em fotografia, estimulando meios de traduzir com imagens visuais a curiosa viagem que um livro pode provocar no leitor. Nas fotos de Joel, temos o seu autorretrato, não como uma projeção narcísica, mas como protagonista de sua própria criação, que expressa suas percepções, como ele mesmo declarou em algumas entrevistas. Observemos:



Foto 1

Na foto 1, temos a personagem Joel num campo, dirigindo-se até um gigantesco livro de capa marrom com uma porta branca. Ele caminha até o seu encontro, admirado e curioso pelo que contempla. É como se ele aludisse à sua pequenez diante do mistério que poderá desvendar ao entrar no espaço do livro. Atravessar este portal é como poder acessar e se conectar a uma outra dimensão, à magia da leitura que revela mundos a partir do imaginário de cada leitor. Nesta foto, o clima de mistério é reforçado por um céu nublado e, no topo do livro, um pássaro negro como a espiar-lhe os movimentos. A simbologia do pássaro, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2003) remete-nos, em algumas situações, à ideia de leveza, de inteligência, de conhecimento. Tudo isso está como a querer dizer que, sob a ameaça de um céu plúmbeo, o livro, sob a égide de um pássaro, é o melhor abrigo diante do prenúncio de tempestade.

Joel maneja a sua fotografia como se estivesse fazendo poesia sobre livros. Ele sabe que os grandes poetas põem suas poesias em livros para deixar que os leitores encontrem por si mesmos as imagens sonhadas. Com suas fotos, Joel faz dos livros motivos poéticos, porque se um livro pode conter poesia, o objeto livro também pode ser considerado poético. Os livros podem ser encontrados em todos os lugares e provocam o leitor a descobrir a intimidade das imagens. Para

Bachelard (1988, p. 25):

Em toda parte as imagens invadem os ares, vão de um mundo a outro, chamam ouvidos e olhos para sonhos engrandecidos. Os poetas abundam, os grandes e pequenos, os célebres e os obscuros, os que amamos e os que fascinam. Quem vive para a poesia deve ler tudo. Quantas vezes, de uma simples brochura, jorrou para mim a luz de uma imagem nova! Quando aceitamos ser animados por imagens novas, descobrimos irisações nas imagens dos velhos livros.



Foto 2

Na foto 2, Joel aparece sentado num grande sofá, na companhia de uma gigantesca caneca de café e lê um livro também de grandes proporções. Joel está compenetrado na leitura e navega no mar de referências que o livro lhe proporciona. Este livro dá ao fotógrafo a “luz de uma imagem nova” que ele revela ao leitor de sua foto. É um instante apoteótico, grandioso na intimidade de sua sala. Esta foto é a poesia de Joel. No conforto de seu canto, ele se aquece com o café e se encanta com o grande e velho livro. Não sabemos o que lhe diz o livro; talvez conte uma história sobre uma alameda como a da fotografia que está pendurada num quadro na parede. Vemos, por certo, uma fotografia dentro de uma fotografia, uma construção em abismo que conduz o espectador-leitor a fantasiar com a fantasia provocada por Joel. Ela é vertiginosa. Da sua grande caneca fluem

umas imagens vaporosas de seres alados, que provocam no observador um clima de mistério, como se estas imagens fossem uma possível manifestação do que a leitura revela a Joel.



Foto 3

Além dos aspectos poéticos que uma fotografia pode apresentar, é oportuno destacar o caráter indicial da fotografia, que se justifica, segundo Peirce (2010), por ser um signo que mantém uma referência estreita com o objeto exposto. Diferentemente do ícone, que é um signo que faz uma referência ao objeto por seu caráter aproximativo, podendo esse objeto existir ou não; e do símbolo, que se refere ao objeto por via associativa, levando a uma interpretação de seu sentido. Partindo dessas considerações, percebemos na foto 3 o quanto o jogo sógnico da fotografia de Joel envolve o espectador-leitor. Temos a imagem de três livros empilhados e um outro livro posto de pé, em cima da pilha, aberto, enquanto um braço se projeta de dentro deste livro com uma vela acesa, na palma da mão. Há uma luz que predomina na fotografia: é a da chama da vela, que clareia um espaço fechado.

Como já dissemos, a fotografia é um índice, mas ao analisar a foto 3 de Joel, podemos perceber que ela também pode ser considerada um ícone pelo caráter metafórico da luz, que é projetada do livro e, ao mesmo tempo, também constatamos

a força simbólica dessa fotografia por aludir à sabedoria, ao conhecimento advindo de um livro. O livro é entendido como uma *persona* que estende a mão e ilumina o ambiente onde esteja, assim, percebe-se o caráter icônico-simbólico desta fotografia (isso também é percebido nas outras fotografias de Joel apresentadas neste ensaio). Esta mesma condição icônico-simbólica podemos ver na foto 4, onde encontramos Joel a ler um livro que projeta uma luz intensa num espaço aberto, à luz do dia. A luz do livro fica entre ser um símbolo e uma metáfora, quando esta implica uma alusão ao intelecto, que denota conhecimento, e aquele, a luz como a saída da obscuridade.



Foto 4

É importante destacar que a chama da vela da foto 3 possui uma forma, a de um pássaro, que entendemos como uma referência à Fênix, pássaro mítico de fogo, ligado ao ciclo de vida, morte e renascimento. Com esta alegoria simbólica, percebemos que Joel nos chama a atenção para um ponto relevante sobre o livro, o de ser portador do segredo da vida e da morte; nele se acha a “*palavra perdida*, da sabedoria suprema tornada acessível ao comum dos mortais” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p. 555). E quanto à luz refletida do livro, na foto 4, Joel está extasiado pelo encanto da magia do livro revelada. Luz esta que não se inibe ante a luminosidade do dia claro no espaço aberto onde o fotógrafo se encontra. É como se Joel dissesse que a leitura de um

bom livro age desta forma sobre o leitor, isto é, em qualquer situação, a leitura sempre ilumina intensamente.



Foto 5

Em algumas fotografias de Joel, o livro aparece como *persona*. Na esteira de Greimas e Courtés (1989), poderíamos considerá-lo, na fotografia, uma figura correspondente a um “actante” no texto, que é todo aquele que realiza ou sofre uma ação, independente de ser um homem, um animal, um objeto ou um conceito. Nestas fotografias, o livro aparece como um actante. Na foto 5, Joel está com um livro aberto e dele sai uma mão que empunha uma varinha mágica e lança-lhe um feitiço luminoso. Ao interagir com Joel, o livro o conduz ao seu universo mágico. Assim, esta foto suscita no espectador-leitor a construção de uma narrativa, cujo protagonista actancial é o livro que transporta o leitor ao seu reino imaginário.



Foto 6

Na foto 6, podemos observar um ato de interação semelhante do livro com Joel. Ele lê um grande livro ao ar livre, num campo, em dia nublado, quando o livro o faz flutuar, como se estivesse saindo de dentro deste livro uma energia que o projeta do chão. O que o actante livro faz com Joel é provocar, instigar, capturar o leitor para o mundo da imagem. Através de seu mundo imaginário silencioso, construído a partir da imagem fotográfica, Joel valoriza o espaço da literatura, mostrando o encantamento que experimenta através da palavra. Suas fotografias parecem ser produzidas a partir dos diálogos que ele estabelece com a leitura dos muitos livros de sua vida.

Sobre esta relação do leitor do texto literário com o mundo das imagens, Sinatra (2001, p. 123) destaca que “o milagre e o prazer da literatura podem ser facilmente integrados e traduzidos por outras formas de arte”. Com isso, percebemos o quanto a interação leitora de Joel com a literatura fantástica o faz produzir fotografias que expressam as imagens do imaginário do texto literário. Podemos conferir isso na fotografia 7, onde vemos Joel segurar um livro aberto e contempla um dragão em plena atividade de lançar fogo sobre a página do livro que fica em chamas. Ao que percebemos, as imagens da narrativa fantástica estimulam a produção de nova imagem, isto é, a leitura criativa pode instigar a

imaginação de quem se predispõe ao ato de ler. O fotógrafo nos mostra que é também da arte que a arte provém, ou seja, uma forma de expressão da linguagem motiva a produção de outra expressão artística.



Foto 7

Fayga Ostrower (2010, p. 9) afirma que:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos de novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender-se; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

Sobre este aspecto do criar, Ostrower destaca também que este ato está ligado a questões de ordem cultural; o novo surge a partir da relação do indivíduo com a sua vivência sociocultural. É por este motivo que nos sensibilizamos e ordenamos o nosso mundo caótico para que ele passe a ter um significado. Deixamo-nos sensibilizar pelo sensível e, ativando os nossos sentidos, entramos em contato com articulações criativas que, estimuladas, passam a produzir formas sensíveis. Tais formas só serão compreensíveis porque as relacionamos ao nosso repertório cultural.



Foto 8

Na fotografia 8, temos um actante com uma varinha mágica sobre uma pilha de livros de magia. Ele lança um feitiço sobre uma pequena chaleira como a querer que o conteúdo seja derramado numa caneca de chá, que está ao lado dos livros e no chão. Também ao lado dos livros, vemos um boneco em forma de coruja. De acordo com a composição feita pelo fotógrafo, podemos inferir que ele cria as suas imagens mediado por sua cultura, pois os elementos presente nesta fotografia fazem uma referência à cultura nórdica, da qual ele descende, ou seja, os livros de magia, a varinha mágica, a coruja fazem parte da simbologia de seu universo cultural.

Como o processo de criação envolve a sensibilidade de quem se predispõe a criar, como exemplo, o produtor de literatura, que dá asas à imaginação e expõe suas criações no desejo de transportar os leitores ao seu espaço mimético, *como se* a experiência narrada pudesse ser crível tanto quanto a experiência empírica, algumas fotografias de Joel também fazem um jogo com o espectador-leitor de suas imagens dialogando com *o que pode ser possível* quando se é estimulado com a leitura de um texto literário.



Foto 9

A fotografia 9 resgata a magia da história de Lewis Carroll, *Alice's adventures in the wonderland*, transfigurando o possível leitor, oculto atrás da capa do livro, no famoso coelho, cuja presença inferimos metonimicamente através das orelhas, do relógio e da caneca com a imagem de Alice. Todo o cenário fotográfico é montado numa floresta com muita neve. Esta foto de Joel aponta para um dos pontos importantes discutidos por Iser (2002) sobre o jogo do texto literário. Iser (2002, p. 107) ressalta que “o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo”. O leitor visualiza o mundo do texto em conformidade com as suas expectativas, produzindo, de acordo com Iser, uma transgressão com relação às prováveis intenções do autor. Esses desvios ocorrem em virtude do que já havíamos apontado como efeitos das experiências socioculturais de cada leitor.

O leitor personificado, que se encontra por trás do livro na fotografia 9, possivelmente escolhe um ponto de vista para desenvolver a leitura do livro sobre as aventuras de Alice. Ao adotar o coelho, personagem da narrativa que vive em função do tempo, e conduz Alice a um mundo fantástico, esta foto estabelece uma metaimagem: uma imagem cuja função é problematizar uma outra imagem. Essa construção funciona à maneira de uma *mise-en-abyme*, que segundo Dällenbach (1991) consiste na produção de reflexos entre imagens. Neste caso, há uma transcodificação de uma imagem em outra refletida por uma sinédoque visual,

em virtude dos elementos de referência presentes na fotografia 9, o que produz uma microimagem numa macroimagem.

Vale salientar que o fotógrafo também nos chama a atenção para outro aspecto da leitura, representando livros que nada acrescentam ao leitor: livros que mais pesam na cabeça do que somam ou contribuem para o conhecimento ou o prazer.



Foto 10

Na fotografia 10, vemos um aborrecido Joel posicionado de frente para a câmera, com a cabeça na posição horizontal, quase esmagada sob uma pilha de livros. Numa tradução visual do ditado “O que entra por um ouvido sai pelo outro”, que se costuma usar para significar a falta de atenção ou indiferença do ouvinte, Joel representa o seu desagrado para com certo tipo de literatura. Naturalmente, nós filtramos o que de fato é de nosso interesse. Há discursos que são perfeitamente compreensíveis e outros não, tudo dependerá do momento em que se encontra o leitor e o que esteja buscando no texto.



Foto 11

Como podemos perceber na fotografia 11, um tema que fica explícito é o da busca do silêncio por parte do leitor. E sobre isso, Manguel (1997. p. 59) cogita que “ninguém parece notar um leitor que se concentra: retirado, absorto, o leitor torna-se lugar-comum”. Parece que o leitor, ao estar envolvido pela leitura, mergulha no isolamento do mundo, numa solidão aparente, rompida pelos vozerios do texto que sonorizam na sua intimidade. Esta participação silenciosa é a hora das confissões, o instante em que o leitor, ao interagir com o texto, revela-se inteiro, sem dissimulações com o seu parceiro.

Joel encontra-se enquadrado no centro da fotografia, recostado a uma árvore que também serve de estante para os muitos livros a serem lidos. Ao seu redor, temos vários livros espalhados como se fossem frutos caídos da velha árvore. E o fotógrafo segura um livro, em posição de leitura, completamente abduzido pelo texto. Um antagônico repouso, porque a companhia das imagens do texto não deixam o leitor inerte, pelo contrário, elas o mobilizam, o agitam, provocam-lhe no corpo uma reação. A leitura é um ato, é uma ação que tira da passividade o leitor, porque, de alguma forma, ele reagirá às suas investidas, ao seu assédio, com aceitação ou recusa, com riso ou lágrimas.

No entanto, outro assunto que percebemos nesta foto é o caráter simbólico do livro e da árvore que dá frutos. Isto é, o livro-fruto alimenta o intelecto, pois vem da seiva das árvores e

pode ser colhido facilmente. Por outro lado, o livro implica poder, o despertar da consciência sobre as coisas, por isso, na história do livro, há muitas histórias de perseguições. O livro assume um *status* tão importante que Manguel (1997) associa a posse dos livros ao caráter de seu proprietário, revelando sobre ele informações sobre sua posição no mundo, suas ideias, sua personalidade.



Foto 12

Na foto 12, vemos um caminho feito de livros que se empilham formando uma escadaria, no topo da qual, enquadrado no centro da foto, vemos Joel, representando metaforicamente a mensagem de que a leitura eleva o ser humano. Intelectualmente, culturalmente, emocionalmente. Por outro lado, Joel provoca uma discussão que vai na contramão daquilo que está exposto nesta imagem, quando, na fotografia 13, enquadra uma torre de livros que tomba juntamente com um leitor. Acreditamos que nesta foto ele use, como metáfora, o simbolismo da Torre de Babel, fazendo uma alusão ao orgulho humano. Isto é, o conhecimento é benéfico quando bem administrado em favor da humanidade, mas pode ser motivo de queda quando conduzir à vaidade pessoal ou ao esnobismo. O mau uso do conhecimento não conduz à verdadeira sabedoria, mas a um equívoco que pode resultar na derrocada do leitor desavisado.



Foto 13

Percebemos, a partir do proposto nas fotografias 12 e 13, que Joel posiciona o livro em dois pontos antitéticos – o da ascensão e o da derrocada. Na imagem ascensional, o leitor progride intelectual e culturalmente, passo a passo, acumulando saberes e construindo a sua própria escada. Isto lhe confere uma maior capacidade de expor seus argumentos e uma maior liberdade de se contrapor a outros. O leitor, neste ponto, consegue interagir, consciente, com o seu meio. Já na imagem da derrocada, o leitor se perde no labirinto das bibliotecas, quando suas leituras – ou o uso que faz delas – não o ajudam a melhorar como ser humano nem a interagir em sociedade. Só a leitura de muitas obras não garante a humanização dos indivíduos, até porque temos muitos grandes leitores que são verdadeiros déspotas. Mas o que Joel parece esperar dos leitores em suas pequenas fábulas visuais, repletas de uma retórica salvacionista, é que se integrem aos outros e partilhem conhecimentos, ideias, sentimentos, em favor da humanização.

Uma das grandes virtudes do livro é ser ponte: entre tempos, espaços, indivíduos. Através dele, conseguimos alcançar o outro lado da margem – da História e de nossa própria vida, seguros de que não sucumbiremos. Pelo menos, esta é a esperança dos leitores aficionados. As fotografias de Joel Robison apresentadas neste ensaio compõem um comovente elogio ao objeto livro e ao personagem leitor, um silencioso e poderoso hino de amor à palavra. Interpretadas em sequência, como numa narrativa,

elas realizam um veemente convite à leitura. A eloquência imagética de Joel Robison nos surpreende e encanta pela simplicidade e humildade de sua mensagem. Numa época de predomínio da cultura visual, suas fotografias não falam de si mesmas: elas nos instigam e provocam a buscar nos livros um imaginário imprevisível, pessoal, intraduzível, numa promessa de encantamentos e descobertas *ad infinitum*.

É por esta razão que Joel, nesta última fotografia que destacamos, agradece *ao seu leitor*, aquele que o motiva e que o mobiliza a criar imagens de encantamento que lhe permitem viajar. Ao fotografar um livro aberto com a expressão *Thank you*, moldada no papel de uma página de livro, tendo ao lado, também moldada no mesmo papel, uma bicicleta, ele diz de seu reconhecimento a quem lhe dá a liberdade de projetar pela imaginação tantas fotografias.

Joel Robison faz fotografia poética. Ele exalta o livro a partir do que este tem para oferecer de mais relevante – as imagens. Porque, de acordo com Bachelard (1989, p. 3), “as imagens poéticas têm, também elas, uma matéria”. Assim, acreditamos que o fotógrafo tenha se apropriado dessa matéria e feito dela elementos de exposição para o estímulo de nosso potencial perceptivo e imaginativo.



Foto 14

Referências

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DÄLLENBACH, Lucien. *El relato especular*. Madrid: Visor, 1991.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: JAUS, Hans Robert. [et al]. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105-118.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SINATRA, Richard. A literatura e as artes visuais: motivações naturais para a alfabetização. In: CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marrietta. (orgs.). *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 121-134.

Fotografias disponíveis em:

<<http://joelrobisonphoto.wordpress.com/>>. Acesso em: 21 jul. 2012.

<http://lounge.obviousmag.org/tempos_liquidos/2012/07/amor-pela-literatura.html>. Acesso em jul. 2012.